

Figueiredo a Reagan: vamos dialogar mais

Mina Padrosa

Humberto Netto

O presidente João Figueiredo defendeu a necessidade da realização « de um diálogo mais amplo entre os governos de países devedores e credores », com o objetivo de buscar « medidas capazes de, com o resguardo dos interesses de todas as partes envolvidas, propiciar uma solução para a carga excessiva decorrente do endividamento e a criação de condições favoráveis à retomada do desenvolvimento pelas nações devedoras e à expansão sustentada da economia e do comércio internacionais ». Estes pontos de vista foram expostos pelo presidente João Figueiredo numa carta que enviou ao presidente Ronald Reagan e que foi entregue ao mandatário norte-americano ontem de manhã pelo embaixador Sérgio Correia da Costa. Segundo afirmou Figueiredo, a reunião dos sete países industrializados, realizada recentemente em Londres, e o encontro de 11 devedores da América Latina, registrado em Cartagena, deixaram claro que « estão criadas condições particularmente favoráveis » para que aconteça a reunião entre devedores e credores.

Em sua carta, inicialmente o presidente Figueiredo mostrou-se satisfeito com o fato de que os representantes dos países ricos presentes à reunião de Londres « dedicaram especial atenção às dificuldades econômicas que acarreta para numerosos países latino-americanos a grave situação do endividamento externo ». Ele também lembrou que durante a visita de Ronald Reagan a Brasília, em dezembro de 1982, ambos haviam abordado a questão. Figueiredo destacou ainda que « lamentavelmente, nesses 18 meses que desde então se passaram, a situação agravou-se consideravelmente, a ponto de levar-me, em conjunto com outros chefes de Governo latino-americanos, a dirigir carta aos participantes do encontro de Londres ». E o presidente brasileiro chegou a falar do otimismo com que constatou que na reunião de Londres « se deram passos à frente no sentido da introdução de maior flexibilidade no trato da questão da dívida, inclusive com o endosso à idéia de reescalamentos plurianuais. Constitui também gesto de conteúdo construtivo a disposição de proceder a uma mais intensa discussão das questões financeiras de interesse para os países em desenvolvimento no âmbito do Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial ».

Mas foi após referir-se à reunião de Cartagena (e de lembrar a Ronald Reagan que naquele encontro definiu-se um conjunto de princípios e proposições concretas que a nosso ver constituem base válida, realista e pragmática para a busca de medidas capazes de dar solução à excessiva carga do endividamento e assim contribuir para a criação de condições favoráveis à retomada do desenvolvimento econômico) que o presidente Figueiredo manifestou toda sua preocupação com « a crise do endividamento e seus efeitos econômicos, sociais e políticos ». Além disso, o presidente brasileiro reiterou ao presidente dos Estados Unidos « minha profunda convicção da necessidade de um exame urgente, e em termos mais amplos e integrados, a nível de governos, de questão de tamanha gravidade e multiplicidade de aspectos. O sentido de urgência da questão se vê inegavelmente aumentado pelos atuais níveis das taxas de juros e pela possibilidade que em futuro próximo tais taxas registrem novas elevações, fato que preocupa também ao governo dos Estados Unidos da América, como por este publicamente afirmado ».

Antes de concluir a mensagem endereçada a Ronald Reagan, Figueiredo aproveitou para fazer uma advertência que, a rigor, vem formulando desde 1982, quando discursou perante a assembleia-geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. Em tom grave, o mandatário brasileiro ressaltou que « as agruras econômicas e tensões políticas que se registram em vários países endividados, já em si graves, podem vir a atingir níveis insuportáveis no caso de se intensificarem os fatores externos adversos que muitas vezes afetam suas economias ».

Dívida